

**30 de março, Síria**

O presidente sírio, Bashar al-Assad, promete reformas após onda de protestos. #ArabSpring

**3 de abril, Canadá**

Mulheres se reúnem na Marcha das Va-



MARK BELINCHUK/REUTERS

gabundas. Manifestação se espalha por vários países, incluindo o Brasil. #SlutWalk

**28 de abril, Chile**

Milhares de estudantes lutam contra a privatização da educação. Camila Vallejo (foto) vira símbolo. #camilasomostodos



HECTOR RETANA/AFAP

# Na política, atuação direta e performática

Formas tradicionais de participação, como os partidos, perdem espaço para iniciativas próprias

**Natália Peixoto**

Em 7 de outubro do próximo ano, cerca de 56 mil paulistanos com idade entre 16 e 17 anos ajudarão a escolher nas urnas prefeito e vereadores. Em números absolutos, pode parecer bastante, mas o percentual de participação de jovens para os quais o voto ainda não é obrigatório, no eleitorado de São Paulo, é de

0,7% - e vem caindo. A filiação partidária entre eles também é baixa. Apenas 3% dos filiados no Brasil têm entre 16 e 24 anos, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Será que os jovens não se interessam por política?

Para um avaliador apressado, a resposta seria "sim". Algo que a série de marchas e manifestações ocorridas neste ano desmentiria facilmente. O que há

- e isso as estatísticas mostram - é um desinteresse pelas maneiras tradicionais de participação política.

"Não existem mais formas puras ou absolutas de o jovem fazer política", explica a cientista política Mary Garcia Castro. "Nós estamos vivendo hoje uma época trans", continua ela, que é pesquisadora de Políticas da Juventude da Universidade Católica de Salvador.

Em Belo Horizonte, por exemplo, os integrantes do movimento Fora Lacerda chamam atenção pelas formas inusitadas de mostrar o que querem. O antropólogo e produtor cultural Rafael Barros, de 29 anos, é um dos participantes que começaram a se manifestar em 2009, quando o prefeito da cidade, Márcio Lacerda (PSB), proibiu por decreto qualquer tipo de protesto na Praça da Estação, a maior praça da capital mineira. Indignados, diversos jovens passaram a utilizar a praça como uma praia, aos fins de semana, como forma de ocupar o espaço.

"Só é possível alcançar alguma coisa quando se age em conjunto, quando se aciona uma diversidade de forças e pensamentos e eles vão para o espaço público", diz Barros. Para o manifestante, o caráter festivo do movimento contribui

muito no envolvimento de pessoas interessadas, pois suaviza a ação política. "A festa em si é um ato revolucionário. Toda festa é uma forma de questionar a ordem estabelecida."

A pesquisadora Mary afirma que uma das tendências de participação política é justamente essa característica performática. "Isso se anunciou nos anos 1990, mas hoje está muito mais visível", explica.

O ex-deputado federal Fernando Gabeira (PV), que na década de 60 participou da luta armada contra a ditadura militar, também vê essa característica performática e midiática de algumas ações. "O movimento antitadura temia a televisão, pois ela marcava as pessoas. Os caras pintados já foram uma saída televisiva. Eles fizeram uma encenação em cores, que ajudou a firmar a sua identidade", diz Gabeira. "Mas hoje as manifestações são mesmo construídas pensando nas imagens."

**Caminhos.** A pesquisa Sonho Brasileiro, feita neste ano pela Box 1824, especializada na faixa etária dos 18 aos 24 anos,

trouxe duas considerações interessantes a respeito de juventude e política: 59% dos jovens afirmaram não ter preferência partidária e 71% disseram acreditar que é possível fazer política pela internet, sem utilizar intermediários, como os partidos.

É o que o empreendedor social Pablo Ribeiro, de 25 anos, coloca em prática diariamente em São Paulo. Em 2010, ele montou o Eu Lembro, que lista o que era falado sobre os candidatos à Presidência nas redes sociais. Neste ano, organiza o movimento #EuVotoDistrital, que pretende obter 1 milhão de assinaturas e aprovar no Congresso Nacional a lei que muda o sistema de votação no Brasil para o distrital.

Ribeiro diz que as ações tradicionais estão perdendo espaço para as atividades que agregam mais as pessoas, nas quais elas se sentem parte de algo perto de sua realidade. "As pessoas precisam perceber que se elas têm um sentimento de mudança, elas não estão sozinhas. O que você quer mudar? Vá atrás de gente, reúna e faça aquilo acontecer."

"HOJE EM DIA, AS MANIFESTAÇÕES SÃO CONSTRUÍDAS PENSANDO NA IMAGEM", DIZ GABEIRA

## Contra o preconceito. Até nas minorias

**José Gabriel Navarro Thiago Lasco**

A luta principal continua sendo combater o preconceito no Brasil - e sua face extrema, que se traduz em estatísticas como as 2.432 violações a direitos de homossexuais entre janeiro e setembro e um total de 1,3 milhão de mulheres agredidas em 2010. Mas as organizações sociais identificaram que precisam enfrentar outro problema: evitar a segregação dentro dos próprios grupos vítimas de preconceito. E elas já se mobilizam para coibir o desrespeito.

A advogada Lia Lopes, de 24 anos, fez parte da comissão que desenvolveu iniciativas contra o racismo no coletivo Jovens Feministas de SP. "Machismo, racismo e homofobia estão na formação

de muitos", diz Lia. "Quando se entra na militância sem perspectiva mais abrangente dos direitos humanos, a tendência é uma luta segmentada."

No grupo, Lia incentivou discussões sobre como a questão racial pautou o feminismo, por exemplo. "O feminismo começou com mulheres brancas, que tinham tempo para reivindicar direitos. As negras estavam ocupadas trabalhando", explica. "Por isso, foi preciso trazer a discussão racial para a batalha contra o sexismo." O coletivo também passou a divulgar em seu site eventos sobre questões étnicas e se articulou com entidades que combatem outros tipos de discriminação.

Entre os homossexuais, o preconceito de classe é um dos mais identificados e tem reflexo inclusive na Parada LGBT.

"Alguns não vão à Parada porque não querem se misturar e dizem que ali só tem 'gente feia'", conta Beto de Jesus, presidente da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. "Mas estamos atentos para não repetir os preconceitos e estereótipos da sociedade. Se a gente nota que um companheiro apresenta comportamentos de misoginia ou racismo, chama a pessoa para conversar."

A antropóloga Isadora Lins França, da Unicamp, explica que o preconceito é algo social - e não natural. "Por isso, o fato de ser negro, gay ou pertencer a uma minoria não significa que a pessoa está isenta de preconceitos." Segundo ela, as conquistas históricas de mulheres, negros e homossexuais, em termos de avanços contra a discriminação e

conquista de direitos, mostram que a situação pode ser mudada pela ação política. E o primeiro passo seria reconhecer os sinais de preconceito. "Assim, podemos questioná-lo e desmontá-lo."

Opinião semelhante tem o coordenador de projetos do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade (Ceert), Daniel Teixeira, de 28 anos. Ele conta que, mesmo velados, os preconceitos acabam desencadeando gestos de discriminação entre militantes. "Reconhecer o preconceito tem sido um grande problema. Mas como é possível, por exemplo, combater o racismo de maneira ampla sem isso?"

Especialistas dizem que o preconceito pode ser encontrado mesmo em movimentos culturais que se esforçam para combatê-los. Seria o caso do hip hop, que luta contra o racismo, mas em alguns momentos trata de forma discriminatória mulheres e homossexuais. "Esse comportamento é apenas uma variante do que se vê na população", diz o sociólogo Marcio Macedo.

## Conceito de fé muda e ação social ganha destaque

**Leandro Igor Vieira Talita Matias**

A estudante de moda Samanta Guisso, de 25 anos, dissocia fé de religião e diz que não precisa frequentar templos ou igrejas para ser uma pessoa melhor e atuar de modo positivo na sociedade. "Em vez disso, decidi que poderia usar o meu tempo livre em trabalhos voluntários." O percentual de jovens que pensam como ela só faz crescer, segundo especialistas e pesquisas. Tendência identificada também na enquête realizada pelo Focas no Facebook - apenas 65, em um universo de 2 mil pessoas, disseram se mobilizar pela religião.

"A dificuldade dos jovens não é com a fé em si, mas com os grupos religiosos institucionalizados", afirma o professor de Ciências da Religião da PUC-SP Fernando Altemeyer Júnior. Dados divulgados recentemente pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostram que o número de pessoas de 20 a 29 anos que se dizem sem religião passou de 6% para 9%, entre 2003 e 2009.

O teólogo Frei Betto aponta dois fatores básicos como causas para esse afastamento: a falta de orientação das famílias e uma falha de comunicação das igrejas. Para ele, é preciso ultrapassar a discussão religiosa e promover debates sobre paz, meio ambiente e justiça social. Causas capazes de reaproximar jovens e religião. "Uma forma de conquistá-los é tornando-os protagonistas dessa nova abordagem."

Daniel Fassa, de 25 anos, é um desses protagonistas. Pós-graduado em Política, ele é integrante do Movimento do Focolares, braço da Igreja Católica que se dedica ao ecumenismo e à propagação do amor ao próximo. "Sinto-me chamado à ação social", diz. O grupo costuma se reunir para discutir temas relacionados à juventude e ao bem-estar social. O discurso do movimento foge de linha impositiva questionada por Frei Betto: "A juventude cansou de ser guiada por discursos moralistas de padres e pastores. Ela quer ter voz".



J.F. DODRONE

**Silêncio.** Para Daniel Teixeira, o preconceito velado dificulta o combate à discriminação



IVAN DIAS/AFAP

**Amor ao próximo.** Daniel Fassa faz parte de grupo católico e dedica seu tempo a ações sociais

#religião

#preconceito